

Boletim Internacional



Ano VI nº 48 20.12.2006

Protesto metalúrgico contra governo mexicano

Metalúrgicos de todo o mundo protestam contra perseguição do governo mexicano a sindicalistas

No dia 11 de dezembro último, as afiliadas da FITIM (Federação Internacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas), se manifestaram diante das embaixadas e consulados mexicanos em todo o mundo, exigindo que os funcionários do governo respeitem a autonomia sindical e restitua a Napoleón Gómez Urrutia, seu cargo de secretário geral do Sindicato Nacional de Mineiros e Metalúrgicos (SNTMMSRM). A ação mundial coincidiu com uma marcha massiva na Cidade do México e as manifestações coordenadas pelo SNTMMSRM e a greve geral em todo o país.

No Brasil, o secretário geral da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Fernando Lopes, participou de uma audiência no Consulado do México em São Paulo, acompanhado de representantes da CNTM (Força Sindical) e da FITIM, para entregar ao Cônsul Geral, Salvador Arriola Barrenechea, um manifesto contra as ações cometidas no México.



Fernando Lopes disse durante o encontro, que no Brasil 'há 1,6 milhões de trabalhadores esperando por uma resposta rápida e eficaz' para a situação que atormenta o sindicalismo mexicano.

Para Anita Gardner, diretora de comunicação da FITIM que também participou do encontro em São Paulo, 'É importante mostrar a união que os trabalhadores demonstraram, defendendo os companheiros mexicanos em todo o mundo', segundo ela, no México 'todos sabem das ações e estão muito agradecidos'. Gardner disse ainda que o encontro com o Cônsul foi muito importante e, na reunião, ele se comprometeu a enviar a carta para o Ministério das Relações Exteriores do México.

continua>>>>

Nota de Final de Ano da CNM/CUT

O ano de 2006 ficará na história dos trabalhadores de todo o mundo como o ano em que novamente o Brasil elegeu um metalúrgico para a presidência da República, também ficará em nossas lembranças como o ano em que o crescimento do emprego nos elevou à casa de 1 milhão de trabalhadores em nossa base de representação, conquistando aumento real de salários e chegando a mais que dobrar o valor do INPC do período. Isso não é pouco, somos a segunda maior entidade de representação de metalúrgicos em todo o mundo, fruto de um acerto na retomada da economia brasileira ancorada em distribuição de renda e crescimento econômico, fruto de nossa autonomia e de nossa luta constante pela coesão dos metalúrgicos do país em torno de nossas bandeiras históricas de defesa intransigente dos interesses históricos e imediatos da classe trabalhadora.

Mas o fundamental em tudo isso é que o papel desenvolvido pela CNM/CUT só pôde ser realizado graças ao esforço dos sindicatos filiados e dos milhares de militantes de nossa base que através do empenho pessoal implementam a política sindical da CUT e da CNM como fator de embate com o capital na construção uma sociedade mais justa e igualitária.

É a essa militância aguerrida e visceralmente comprometida com a luta por um Brasil melhor que externamos nossos mais sinceros votos de um feliz natal e de um ano novo cheio de felicidades!

Direção e Equipe da CNM/CUT

Outro líder sindical que esteve em São Paulo, foi o diretor da FITIM para a América Latina e Caribe, Jorge Campos, que afirmou a importância de Napoleón na atuação sindical. 'No México, os grandes empresários reconhecem a importância de Napoleón e o procuram nos momentos críticos, enquanto o governo o persegue e coloca em seu lugar uma pessoa que não foi eleita de forma democrática'

Em carta enviada ao novo secretário do Trabalho no México, Javier Lozano Alarcón, o secretário geral da FITIM, Marcello Malentacchi, manifestou o firme apoio da Federação a Napoleón Gómez Urrutia e ao SNTMMSRM e agregou que 'a FITIM sente muito preocupada pelos contínuos ataques do governo mexicano a Napoleón Gómez Urrutia e ao SNTMMSRM, incluindo prisões arbitrais, ameaças de morte e violência física'.

Napoleón, que é membro do Comitê Executivo da FITIM, foi destituído do cargo de Secretário Geral depois de ter feito um pronunciamento contra o governo e à empresa mineradora do Grupo México, depois de um trágico acidente na mina Pasta de Conchos, que deixou um saldo de 65 mineiros mortos.

Em março, a FITIM apresentou uma queixa à OIT (Organização Internacional do Trabalho), contra o governo do México, protestando pela destituição ilegal do dirigente sindical. Em julho, a FITIM enviou uma missão ao México para investigar as circunstâncias que rodearam a explosão na mina e a destituição de Napoleón Gómez Urrutia.

Marcello Malentacchi disse que 'Napoleón Urrutia é um dirigente sindical altamente respeitado internacionalmente e um vigoroso defensor dos direitos dos trabalhadores mexicanos. A destituição de Gómez Urrutia, eleito democraticamente para seu cargo de Secretário Geral, e a violência patrocinada pelo governo contra membros do SNTMMSRM, constituem uma grave violação de direitos trabalhistas reconhecidos internacionalmente, incluindo o Convenio número 87 da OIT'.

Os interessados podem encontrar mais detalhes sobre a situação no México e a explosão na Pasta de Conchos, descrita por familiares e companheiros dos mineiros mortos, no novo número da revista Metal World, que também está disponível na internet, em www.imfmetal.org/mexico.

ONGs visitaram CNM/CUT

ONGs Internacionais de ajuda ao trabalhador visitam a sede da CNM em São Paulo

Na tarde de quinta-feira, a diretora executiva da ONG 'Global Workers Justice Alliance' (www.globalworkers.org), Cathleen Caron esteve acompanhada da indiana Ashwiri Suktharkar representante da ONG 'Labor Commission' (www.laborcommission.org) na sede da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) em São Paulo para conhecer um pouco mais do trabalho feito em defesa dos metalúrgicos brasileiros.

No Brasil em missão para saber um pouco mais da situação dos trabalhadores bolivianos que vivem em São Paulo, Cathleen disse que a Global Workers é uma associação de advogados de vários países que promovem o acesso transnacional à justiça para ajudar trabalhadores imigrantes que não encontram uma forma de defesa na luta pelos direitos trabalhistas fora de seu país de origem. O projeto já foi lançado nos EUA, México e Guatemala e se expandirá para outros centros migratórios no mundo. A ONG conta com o auxílio das entidades de classe Progressive Lawyer (EUA) e a CALL (Canadá) e a ABAT (Brasil). 'Nossa missão é facilitar os direitos dos trabalhadores estrangeiros', disse.

Já a ONG Labor Commission existe 'por conta da necessidade de defender os direitos fundamentais dos trabalhadores em todo o mundo', segundo Suktharkar. A iniciativa da comissão partiu da Associação Internacional de Advogados Democráticos e do Centro Internacional para os Direitos Sindicais, em consulta com advogados de trabalhadores e sindicalistas de todo o mundo.

A comissão reúne 'experts' em leis trabalhistas para proporcionar ajuda a todos aqueles que buscam defender seus direitos, como trabalhadores e sindicalistas. Na comissão, há advogados e especialistas no campo trabalhista que trabalham em uma variedade de ações para interpretar e informar sobre as leis de trabalho e suas práticas internacionais, nacionais e locais. (*Assessoria de Imprensa - CNM/CUT*)

CNM lamenta a morte de Bernie Kleiman

CNM/CUT lamenta a morte do companheiro Bernie Kleiman

Transcrevemos abaixo, a nota de pesar enviada aos familiares e amigos do companheiro Bernie Kleiman, advogado do United Steelworkers (USW), que faleceu na quarta-feira, nos Estados Unidos. Uma pessoa que dedicou boa parte de sua vida trabalhando por melhores condições de trabalho para os metalúrgicos nos Estados Unidos.

United Steelworkers - USW

Companheiros,

É com profundo pesar que tomamos conhecimento do falecimento do companheiro Bernie Kleiman

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT - Brasil solidariza-se com os companheiros dessa entidade e também com a família do Sr Bernie Kleiman neste momento de dor e perda.

Atenciosamente

Fernando Augusto Moreira Lopes
Secretário Geral

China prepara invasão de populares

Carros devem ter preços até 8% mais baratos que concorrentes

Cleide Silva

Carros chineses populares devem começar a chegar ao Brasil em dois a três anos a preços médios entre 5% a 8% mais baratos que os produzidos localmente, como Mille, Gol e Celta. A projeção de preço já leva em conta custo de frete, Imposto de Importação e margem de revenda. A vantagem do Brasil, por enquanto, é a qualidade dos seus produtos e a credibilidade das marcas de tradição no País, mas os chineses caminham a passos largos para derrubar esses obstáculos.

Por enquanto, só uma empresa, a Changan, fez parceria com um grupo do Brasil, o Districar, para vender picapes e utilitários da marca Chana a partir de 2007, com preços a partir de R\$ 27 mil. Várias negociações estão em curso para a representação de carros compactos, nenhuma ainda em fase de conclusão. Entre os interessados estão grandes redes de concessionários de marcas tradicionais.

Diante da demanda, a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) encomendou estudo para identificar se a entrada de carros chineses é ameaça ou oportunidade para o setor.

Brasil e China

As relações comerciais entre Brasil e China, com intensificação do intercâmbio energético, devem registrar um crescimento de mais de 20% este ano em comparação ao ano passado.

- A venda de aparelhos celulares no Brasil vai somar 37,1 milhões este ano, segundo a consultoria The Yankee Group. O número representa um crescimento de 21% sobre as vendas registradas no ano passado.

O número

O movimento de intercâmbio bilateral deverá saltar de US\$ 12,1 bilhões em 2005 para cerca US\$ 15 bilhões este ano.

'Os chineses vão chegar aqui, pois construíram enorme capacidade produtiva e terão de encontrar clientes', diz o sócio da consultoria Creating Value, Corrado Capellano, responsável pelo estudo. O principal apelo serão os preços baixos (entre 5% e 8% em relação aos nacionais), que vão ao encontro do consumidor que busca mobilidade e não imagem ou status.

Montadoras chinesas dispõem de quase 20 modelos que custam entre US\$ 3,5 mil e US\$ 6 mil. Eles chegariam ao Brasil por preços aproximados de R\$ 16,8 mil a R\$ 28 mil, no segmento dos chamados populares, que correspondem a 56% das vendas no País. Dependendo da estratégia que o importador adotar, de mais agressividade para ganhar mercado ou mais conservador para obter lucro, esses preços teriam grande variação no mercado.

O compacto QQ com motor 1.1, produzido pela Chery, teria hoje preço próximo a R\$ 23,2 mil. A versão mais barata do Celta, da GM, custa R\$ 24.490. O Alto, da Jiangnan, custa próximo a R\$ 16,8 mil. O Fiat Mille, o mais barato no País, é vendido a R\$ 21 mil. O Lubao, da Hafei, sairia por R\$ 24,4 mil, pouco a mais que o líder de mercado Gol, cotado a R\$ 24 mil.



Os cálculos têm como base os preços em dólar no mercado chinês acrescidos de coeficiente usado pela Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos (Abeiva) para essa categoria de produto, incluindo Imposto de Importação (35%), frete, margem do concessionários e impostos locais.

A indústria chinesa vai chegar com produtos desconhecidos do consumidor brasileiro e, por enquanto, a China não é um país com tradição em qualidade, diz o presidente da Fenabrave, Sérgio Reze. Segundo ele, quem deve estar mais atentas são as montadoras.

De fato, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Rogelio Golfarb, vê com preocupação a capacidade dos chineses de operar com custos competitivos. 'Qualquer variação no segmento de populares tem impacto grande', diz. 'É um grande desafio para a indústria, que precisa aumentar escala para ser competitiva.'

Para produzir mais, é preciso vender mais. 'O governo precisa desonerar a carga tributária dos carros vendidos no mercado interno e mais ainda naqueles exportados, e nós precisamos motivar nossa engenharia para desenvolver produtos competitivos', diz Golfarb.

'Estão batendo à nossa porta com custos infinitamente competitivos', confirma o presidente da Fiat do Brasil, Cledorvino Belini. O Brasil perde em custo de mão-de-obra, mercado interno inferior e vulnerabilidade econômica. Já as vantagens são engenharia qualificada, cadeia integrada de fornecedores e tradição na produção.

MÁ FAMA

Os brasileiros e o resto do mundo ainda contam com a má fama do produto chinês. Segundo relatório da China Automobile Customer Satisfaction Index (que mede a satisfação do consumidor chinês) publicado pela revista The Economist, quatro em cada cinco carros nacionais apresentam problemas nos primeiros seis meses de uso. O número de problemas em cada 100 automóveis passou de 246 em 2005 para 338 este ano.

A estratégia das chinesas seguirá as mesmas regras de outras marcas. Iniciar importações em volumes pequenos que serão distribuídos por, no máximo, 15 lojas. Numa segunda etapa, a rede será ampliada e as vendas passarão a 15 mil a 20 mil unidades ao ano. Se ultrapassarem 50 mil, será o sinal verde para a produção local.

Há um custo elevado para montar rede, manter estoques, assistência técnica e tropicalização dos carros, lembra Reze. Riscos já enfrentados por empresários que apostaram em marcas novatas no País, que chegaram como importadoras e depois se estabeleceram. Outras desapareceram, como a russa Lada. (*O Estado de S.Paulo*, 10.12.2006)

O operário chinês agora custa caro

O aumento do custo da mão-de-obra é o novo desafio do modelo econômico da potência asiática

Nas últimas décadas, a China conquistou o mundo com produtos inacreditavelmente baratos. Para isso, as empresas locais não precisaram fazer inovações espetaculares ou investir em fábricas no estado da arte. Bastou que elas explorassem um recurso até agora encontrado em abundância no país: a mão-de-obra de custo extremamente baixo. Com essa tremenda vantagem competitiva, a China literalmente arrasou mercados ao redor do planeta. Foi o que se viu, por exemplo, nos setores de calçados, eletrônicos e vestuário. Mais recentemente, é a indústria automotiva que se encontra em polvorosa diante da ofensiva de concorrentes que pagam a um operário menos de 2 dólares por hora, comparados aos mais de 30 dólares dos salários de gente que executa as mesmas funções nos Estados Unidos e na Europa.

O ciclo vertiginoso de transformações do capitalismo chinês, no entanto, reservou uma armadilha para o próprio país. A China cresceu tanto nos últimos anos que as indústrias locais e as multinacionais que lá investem estão tendo dificuldades para recrutar gente para vários setores, sobretudo nos cargos mais graduados. Parece um absurdo falar em escassez de braços num país com 1,3 bilhão de habitantes. A situação é mais surrealista ainda quando se considera a taxa de desemprego atual de 10% registrada nos centros urbanos. Mas é o que vem ocorrendo. Apesar do esforço impressionante do governo em melhorar a educação da população -- o investimento em 2004 foi de 50 bilhões de dólares --, a capacidade da potência asiática de formar gente qualificada não acompanhou o ritmo alucinante de sua evolução econômica. O resultado é que a elite da mão-de-obra vem sendo extremamente valorizada, o que a leva a trocar de emprego com muita velocidade, sempre por causa de propostas melhores. Esse cenário tem gerado um aumento médio considerável no custo do operário do país.

Inflação trabalhista

O custo médio do salário dos empregados em algumas cidades do país (por ano)

	Renda média de um operário	Aumento em 2005
Pequim	US\$ 2 800	9%
Chengdu	US\$ 1 500	10%
Wuhan	US\$ 2 700	9%
Xangai	US\$ 3 000	9%
Chongqing	US\$ 1 800	11%
Guangzhou	US\$ 3 400	8%
Suzhou	US\$ 2 400	10%

O "paradoxo chinês", como os especialistas apelidaram o fenômeno, vem sendo detectado em várias pesquisas. A consultoria Hewitt Associates, por exemplo, produziu um trabalho mostrando que o custo da mão-de-obra chinesa havia crescido 10% em média em 2005 (veja quadro ao lado). Um novo levantamento, conduzido pelo Bureau Nacional de Estatísticas da China, órgão de pesquisa do governo, revelou que o custo dos contracheques continua subindo no país. Segundo esse estudo, os salários aumentaram 14% no primeiro semestre de 2006. De acordo com os especialistas, não há sinais visíveis no horizonte de que essa onda irá arrefecer. "Estamos assistindo ao fim da era do trabalho barato", diz Hong Liang, economista do banco de investimentos Goldman Sachs na China.

As empresas têm se desdobrado para absorver os aumentos. Estudo do escritório da Câmara Americana de Comércio na China mostra que 48% das multinacionais no país reduziram as margens de lucro para evitar o reajuste dos preços de seus produtos. O que não se sabe é até quando elas suportarão essa situação. A pressão para repassar o aumento do custo de mão-de-obra para o consumidor tende a se intensificar nos próximos meses -- o que provoca arrepios nos quatro cantos do mundo. Um estudo do Citigroup mostra que, mesmo que aconteça lentamente, a subida dos salários pode pôr fim à principal vantagem competitiva dos produtos made in China que inundaram o mercado nos últimos anos. O gigante asiático não seria o único prejudicado. Segundo o trabalho, o fenômeno tem potencial para provocar aumento das taxas de inflação no mundo inteiro.

Nas cidades chinesas, cresce a cada dia o número de placas à procura de profissionais nas portas das fábricas. Na província de Guangdong, no sul do país, existem 2,5 milhões de vagas em aberto. Sobra trabalho em vários setores. Estima-se que a China tenha déficit de 100 000 especialistas em redes de computadores e escassez de 230 000 contadores. Nos próximos cinco anos, o país vai precisar de 75 000 novos gerentes -- hoje, tem apenas 5 000 profissionais qualificados para o ofício. Quando aparece uma pessoa com um bom currículo, o problema passa a ser o assédio da concorrência. De acordo com a Heidrick & Struggles, consultoria especializada em recrutamento, é comum uma empresa perder um terço dos funcionários durante o ano. Nas fábricas cujas produções são voltadas para a exportação, o índice de rotatividade chega a 50%. Gerentes talentosos trocam de emprego a cada 15 meses, atraídos por aumentos de até 100% no salário.

Para escapar desse círculo vicioso, as montadoras General Motors e Honda e a fabricante de celulares Motorola resolveram deixar as cidades mais desenvolvidas -- e caras --, como Xangai e Pequim, localizadas na costa do país, para desbravar o interior. Mudaram para cidades menores, onde os salários são mais em conta. Mas é apenas um paliativo, pois o custo da mão-de-obra no interior também vem crescendo. Outras multinacionais passaram a olhar com carinho para os demais países do Sudeste Asiático. A Intel é uma delas. Com 300 milhões de dólares para investir em uma nova linha de produção, a fabricante de processadores optou por Ho Chi Minh, no Vietnã. O motivo da escolha foi o diferencial de custo na produção.

O gargalo educacional é o principal motivo para a escassez de talentos. Um estudo da McKinsey revelou que apenas 10% dos recém-formados em áreas importantes têm formação suficiente para ocupar seu cargo. Tome-se como exemplo a engenharia, profissão escolhida por um terço dos alunos chineses. Do 1,6 milhão de jovens engenheiros, apenas 160 000 têm condições de trabalhar em grandes empresas. O maior problema, dizem os especialistas, é que as universidades chinesas dão ênfase à teoria em detrimento da prática e ensinam técnicas arcaicas aos olhos do mundo globalizado. Quem consegue se destacar em meio à multidão é disputado a tapa. Exemplo disso é o caso do engenheiro Jason Zhang. Formado há apenas três anos em Xangai, Zhang já mudou duas vezes de trabalho e quintuplicou seu salário. Atualmente, ocupa o cargo de programador da IBM. "É muito fácil encontrar um bom emprego em meu país", diz ele.

A médio e a longo prazo, outros fatores podem agravar ainda mais o déficit de mão-de-obra nas cidades. Um deles é a política adotada pelo governo chinês a fim de amenizar a miséria das famílias nas áreas rurais. O governo aumentou subsídios e diminuiu impostos cobrados dos pequenos agricultores. Resultado: hoje, 200 milhões de camponeses preferem viver nas zonas rurais a se submeter à dura vida nas metrópoles. Com isso, as indústrias se ressentem, no momento, também da falta de operários com baixa qualificação. Pior: a exemplo de gerentes e outros cargos mais altos, os operários começam a ficar mais valorizados por causa da escassez de gente nas fábricas. A evolução da taxa de natalidade no país é outro complicador. Desde o final da década de 70, o governo adotou a política que permite apenas uma criança por família. Em termos de contenção do problema da explosão populacional, a medida foi um sucesso. Mas, nos próximos anos, terá um efeito negativo. Um estudo do governo chinês mostra que a parcela da população economicamente ativa vai atingir o ápice em 2021 e, a partir de então, diminuirá.

O governo de Pequim já implementou algumas políticas para mudar o jogo. Para atender à demanda imediata por mão-de-obra qualificada, incentiva a volta dos 200 000 chineses que trabalham ou estudam no exterior. O governo de Xangai, por exemplo, ajuda na recolocação profissional e na busca por uma boa escola para os filhos dos trabalhadores que retornam ao

país. Em outra frente, a China vai dobrar a verba da educação. Até 2010, serão investidos por ano 102 bilhões de dólares nos ensinamentos fundamental, médio e superior. O governo também estimula a parceria entre instituições chinesas e escolas consagradas dos Estados Unidos, como a Universidade Harvard. "O problema é que os resultados só serão sentidos em dez ou 15 anos", afirma Teresa Woodland, da Câmara Americana de Comércio. Enquanto isso, as empresas se viram como podem. Muitas buscam profissionais no exterior. Desde 2003, dobrou para 150 000 o número de estrangeiros que trabalham na China.

Apesar dos problemas, há pelo menos um aspecto positivo na falta de trabalhadores qualificados. A luta para manter os funcionários no emprego pode acabar com outro símbolo do mercado chinês de trabalho: as sweatshops. Por muitos anos, as "fábricas de suor" exploraram os funcionários em jornadas ininterruptas de até 16 horas num ambiente quente, barulhento e muito poluído. Hoje, como a população do campo é muito mais reticente a migrar para a cidade em troca de qualquer trabalho, as fábricas oferecem alguns benefícios, como sistemas de ar refrigerado e dormitórios modernos e razoavelmente limpos. Por causa disso, alguns analistas não são tão catastróficos na análise das consequências da inflação de custos trabalhistas. Segundo eles, a China apenas repete hoje o que já aconteceu em países como o Japão e a Coreia. A história mostra que, assim que começam a se desenvolver, essas nações abandonam produtos baratos e se concentram em itens que incorporam mais tecnologia. Dentro dessa lógica, a China estaria se preparando para entrar num novo capítulo de sua impressionante evolução econômica. *(Gustavo Poloni) (Exame nº 881, 19.11.2006)*

China agora estimula a sindicalização,

China agora estimula a sindicalização, mas para controlar trabalhadores

The Economist

O Partido Comunista Chinês sempre agiu rapidamente para esmagar entidades sindicais independentes. Mesmo seus próprios sindicatos fantoches viveram dias difíceis nos últimos anos. Até há pouco, o crescente setor privado evitava manter relações com organizações sindicais, o mesmo ocorrendo com os trabalhadores, apesar de abusos generalizados, como condições de trabalho perigosas, salários irrisórios e obrigação de fazer horas extras. Mas agora sindicatos controlados pelo PC estão ensaiando um retorno. Chegou a hora de o patronato se preocupar?

Desde o fim de julho, a mídia chinesa está exultante com a relutante decisão da Wal-Mart, uma das mais importantes empresas estrangeiras na China, de permitir que seus 31 mil funcionários chineses organizem-se em sindicatos. A Wal-Mart desencorajava isso desde que começou a operar na China, em 1996, assim como faz em outros países, inclusive nos EUA. A empresa diz que sindicatos são desnecessários para seus funcionários. Mas a mídia chinesa noticiou que uma ordem do presidente Hu Jintao, neste ano, desencadeou esforços oficiais para fazer com que a Wal-Mart mudasse de idéia. Em 29 de julho, na cidade de Quanzhou, trabalhadores de um dos cerca de 60 hipermercados Wal-Mart na China formaram o primeiro sindicato na companhia.

A Wal-Mart não era acusada de tratamento indevido contra os funcionários, mas de descumprir uma lei pela qual empresas não podem obstruir a criação de sindicatos. Um levantamento oficial de dois anos atrás concluiu que sindicatos tinham sido formados em só 10% do meio milhão de empresas com capital estrangeiro então registradas na China. A Wal-Mart, com sua postura anti-sindical, passou a ser a mais visada, apesar de sua grande contribuição à economia chinesa. A empresa diz ter adquirido US\$ 19 bilhões em mercadorias na China em 2004, cerca de 15% das exportações totais da China para os EUA naquele ano.

E qual é a situação em outras empresas estrangeiras na China? O lento desenvolvimento de sindicatos nessas companhias resulta principalmente da falta de interesse dos trabalhadores, e não de oposição patronal. Os sindicatos no país são controlados pelo Partido Comunista por meio de uma organização guarda-chuva, a Federação Sindical Pan-Chinesa (FSPC), à qual todos os sindicatos têm de se filiar. Duas décadas atrás, quando a economia chinesa era na

maior parte estatal, quase todos os trabalhadores urbanos pertenciam a sindicatos de empresas estatais. No melhor dos casos, esses sindicatos atuavam como mediadores entre empresa e trabalhadores, e não na defesa dos interesses dos trabalhadores. Eles tinham escasso poder de negociação, já que greves e outras formas de pressão são efetivamente proibidas (o direito à greve saiu da Constituição da China em 1982). A maioria dos núcleos sindicais fazia pouco mais que organizar lazer e ajudar o PC a monitorar o moral dos operários.

A partir dos anos 90, o rápido crescimento do número de empresas privadas, inclusive estrangeiras, e o fechamento generalizado de estatais distanciou os sindicatos da mão-de-obra urbana. Com isso, o partido também perdeu sua própria rede de células nos locais de trabalho. Mesmo quando empresas privadas recém-chegadas empregavam membros do partido, essas pessoas freqüentemente não organizavam células e perdiam contato com o próprio partido.

Norma do PC exige a criação de uma célula em toda empresa com três ou mais de seus membros. Mas, ainda que esses desejassem criar uma célula, sentiam que a direção desaprovava a iniciativa. Em empresas estatais, a chefia costuma ser também um chefe no partido. Em empresas privadas, mesmo as fundadas por membros do partido, a gerência receava que segredos empresariais pudessem vazar e que a eficiência ficasse prejudicada por uma estrutura de poder paralela dentro da companhia. E sem células do PC, havia pouco estímulo à sindicalização. Em 1999, a filiação a sindicatos tinha caído para 87 milhões de trabalhadores, após pico de 104 milhões em 95.

Isso foi um choque para as autoridades. Para um partido acostumado a dispor de um controle onipresente, a diminuição do número de gerou inquietação. Nos últimos anos, greves ilegais, operações-padrão e outras formas de protesto trabalhista tornaram-se mais freqüentes. Essas ações foram deflagradas devido tanto ao encolhimento do setor público como às duras condições de trabalho em algumas empresas privadas.

O PC quer a volta de seus sindicatos para manter os trabalhadores sob controle, o que, admite o partido, por vezes significa constranger também os empregadores. O PC acredita que, se conceder aos sindicatos controlados pelo governo um pouco mais de força, isso ajudará a dissuadir trabalhadores desesperados de tentarem formar sindicatos independentes. O partido ainda treme ao recordar o crescimento do Solidariedade na Polônia na década de 80. E mais sindicatos significa mais dinheiro para o governo. Empresas com trabalhadores sindicalizados têm de entregar 2% da folha de pagamentos a esses sindicatos. Desse montante, 40% é então repassado à FSPC.

Estatísticas oficiais sugerem que o PC está fazendo progressos. No fim de 2004, havia 55 milhões de sindicalizados em empresas não estatais, 35% a mais que um ano antes, e uma alta mais que quatro vezes superior ao do fim dos anos 90. Em empresas com capital externo, os progressos têm sido notáveis. Em cerca de um terço delas, os trabalhadores estão hoje sindicalizados, segundo dados oficiais. Em algumas áreas onde há grande concentração dessas empresas, a sindicalização é ainda mais ampla. Xangai espera que em 60% dessa mão-de-obra estará sindicalizada ao fim deste ano, e 80% em 2007.

Dois terços dos supermercados da Wal-Mart hoje têm seus funcionários sindicalizados. Em agosto, foram declaradas abertamente as duas primeiras células do PC, mas é provável que haja outras células.

Algumas empresas estão preocupadas. Um projeto de lei sobre contratos de trabalho, que deve ser aprovada em um ano, traz cláusulas que, poderão dar aos sindicatos um papel de maior relevância nas decisões das companhias.

Mas é escassa a chance de que os sindicatos na China venham a ter a presença forte que têm nos países ocidentais. A despeito de suas pretensões marxistas, o PC continua mais interessado nos negócios que nas queixas do proletariado. (*The Economist*) (*Valor*, 25.09.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
internacional@cnmcut.orghttp://www.cnmcut.org.br